



A tradução de termos mitológicos de 'Os Lusíadas' para o indonésio

Penerjemahan istilah-istilah mitologis dalam 'Os Lusíadas' ke dalam bahasa Indonesia

SECÇÃO: ARTIGOS

Danny Susanto

Universitas Indonesia & President University, Jakarta, Indonésia.

 Membro da [Rede Camões na Ásia & África](#).

 [Citações no Google Scholar](#)

 dcamilo@yahoo.com

Recebido em: 20 out. 2025.

Aprovado em: 24 nov. 2025.

Publicado em: 17 dez. 2025.

Citação recomendada:

Susanto, Danny (2025) A tradução de termos mitológicos de 'Os Lusíadas' para o indonésio, *Revista de Estudos Camonianos*, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 1, 47-56. <https://camonianos.pt/numero-1-2025>, ISSN: 3134-7223.

Resumo: Este artigo analisa os desafios da tradução de termos mitológicos da epopeia *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, para o indonésio moderno, com base na tradução em verso longo *Puisi Lusíadi* (Camões 2022:viii). Foca-se numa amostra de termos mitológicos com correspondentes atestados na tradução indonésia, incluindo deuses olímpicos, divindades marinhas, figuras infernais e entidades ligadas ao destino e à morte. Apoiado nas propostas de Lawrence Venuti (2009), Susan Bassnett (2014), Gideon Toury (2012) e Eugene Nida & Charles Taber (1969:24), o estudo descreve uma estratégia globalmente estrangeirizante, visível na manutenção de formas latinas internacionalizadas como Venus, Jupiter, Neptunus ou Minerva, complementada por um extenso aparato de notas explicativas. A análise sublinha o papel do paratexto na mediação da distância cultural, linguística e temporal entre o português quinhentista e o indonésio contemporâneo, com especial atenção ao termo ambíguo Tétis, cuja forma única Thetis exige clarificação intensiva para alcançar efeitos de equivalência dinâmica.

Palavras-chave: tradução mitológica, *Os Lusíadas*, literatura indonésia, estratégias tradutórias, mediação cultural, poesia épica.

Abstrak: Artikel ini menganalisis tantangan penerjemahan istilah-istilah mitologis dari puisi epik Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, ke dalam bahasa Indonesia modern, berdasarkan terjemahan syair panjang *Puisi Lusíadi* (Camões 2022:viii). Artikel ini berfokus pada sampel istilah mitologis dengan padanan yang terbukti dalam terjemahan bahasa Indonesia, termasuk dewa-dewa Olympus, dewa-dewa laut, tokoh-tokoh neraka, dan entitas yang terkait dengan takdir dan kematian. Didukung oleh usulan Lawrence Venuti (2009), Susan Bassnett (2014), Gideon Toury (2012), dan Eugene Nida & Charles Taber (1969:24), studi ini menggambarkan strategi pengasingan global, yang terlihat dalam pemeliharaan bentuk-bentuk internasional seperti Venus, Jupiter, Neptunus, atau Minerva, dilengkapi dengan apparatus catatan penjelasan yang ekstensif. Analisis ini menggarisbawahi peran parateks dalam menengahi jarak budaya, linguistik, dan temporal antara bahasa Portugis abad ke-16 dan bahasa Indonesia kontemporer, dengan perhatian khusus pada istilah ambiguitas Tétis, yang bentuk uniknya Thetis membutuhkan klarifikasi intensif untuk mencapai efek kesetaraan dinamis.

Kata kunci: penerjemahan mitologis, *Puisi Lusíadi*, sastra Indonesia, strategi penerjemahan, mediasi budaya, puisi epik.

Nota editorial: O título, resumo e palavras-chave são apresentados em português e em indonésio.

Editor: Rede Camões na Ásia & África.

Revisão: Todos os textos publicados na secção de artigos da *Revista de Estudos Camonianos* são revistos por dois revisores sob duplo anonimato.

Videotas: Uma [versão em progresso deste artigo](#) foi apresentada a 6 de junho de 2025 no II Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões, Moçambique.



ACESSO LIVRE

Todos os materiais da R.E.C. são distribuídos em acesso aberto, segundo a licença CC BY-NC-ND (Atribuição-NãoComercial-SemDerivações) que permite baixar e partilhar os ficheiros, sem modificações e sem fins comerciais.



Estratégias de estrangeirização e mediação paratextual em 'Puisi Lusiadi'

A tradução de uma obra canónica como *Os Lusíadas*, a epopeia composta por Luís Vaz de Camões, coloca o tradutor perante um duplo desafio: transpor um texto poético do século XVI e, simultaneamente, mediar um universo mitológico profundamente enraizado na tradição greco-romana, para leitores de uma cultura distante, como a indonésia. A versão indonésia *Puisi Lusiadi* (Camões 2022:viii) evidencia esta tensão entre a fidelidade ao texto-fonte e a inteligibilidade para o público-alvo, sobretudo no tratamento de nomes de deuses, heróis e entidades sobrenaturais sem equivalentes diretos no repertório cultural indonésio tradicional ou contemporâneo.

Neste contexto, a forma como alguns termos mitológicos selecionados — incluindo figuras como Vénus, Júpiter, Neptuno, Tétis, Aquiles, Libitina, Ramnusia (Nemésis) e Parcas — são vertidos para o indonésio em *Puisi Lusiadi* permite observar de perto as opções estratégicas do tradutor. A manutenção de formas latinas internacionalizadas, como Venus, Jupiter, Neptunus, Bacchus, Minerva ou Juno, combinada com soluções pontuais de domesticação, como os gigantes traduzido por *raksasa*, revela um equilíbrio delicado entre estrangeirização e aceitabilidade, apoiado por um vasto sistema de notas explicativas que procura suprir a distância cultural, linguística e temporal entre os dois contextos (Camões 2022:5).

Ancorando-se nas propostas de Venuti sobre domesticação e estrangeirização (Venuti, 2009:19), na viragem cultural de Bassnett (2014:11), na teoria das normas de Toury (2012:61) e na distinção entre equivalência formal e dinâmica de Nida & Taber (1969:24), este artigo descreve de forma sistemática as estratégias e normas que estruturam a tradução de termos mitológicos em direção ao indonésio. Pretende-se, assim, responder a três questões: (i) que padrão de estratégias se observa no tratamento dos nomes mitológicos em *Puisi Lusiadi*; (ii) como é gerida a ambiguidade referencial de termos como Thetis; e (iii) de que modo o aparato paratextual contribuiu para mitigar a distância cultural, linguística e temporal entre o texto-fonte e o público-alvo indonésio.

Enquadramento teórico

A tradução de uma obra como *Os Lusíadas*, densamente tecida de referências mitológicas, exige uma fundamentação teórica capaz de articular opções lexicais com questões culturais, de ética do tradutor, e de normas tradutórias. Neste estudo, destacam-se quatro eixos principais: a dicotomia domesticação/estrangeirização em Lawrence Venuti, a viragem cultural em Susan Bassnett, a teoria das normas de Gideon Toury e a distinção entre equivalência formal e dinâmica em Eugene Nida & Charles Taber.

Lawrence Venuti sublinha o carácter político e ético de qualquer ato tradutório, distinguindo entre estratégias de domesticação e de estrangeirização. Em *The Translator's Invisibility*, o autor critica a tendência para produzir traduções *transparentes*, que apagam a diferença cultural do original, defendendo uma estrangeirização que mantenha visível a alteridade do texto de partida, ainda que à custa de alguma estranheza para o leitor da cultura de chegada. No caso analisado, a manutenção de formas como Venus, Jupiter ou Neptunus em indonésio exemplifica essa opção pela visibilidade da cultura-fonte.

Susan Bassnett, em *Translation Studies*, defende que a tradução deve ser entendida como um ato de transferência cultural, e não como simples substituição de palavras. A chamada *viragem cultural* enfatiza que todo o texto traduzido é um produto situado num sistema cultural específico, sujeito a expectativas e convenções próprias, o que se torna particularmente evidente quando o tradutor lida

com termos mitológicos sem equivalentes diretos na cultura-alvo, como Libitina, Ramnusia ou Parcas, obrigando ao recurso sistemático a notas e descrições para reconstruir o horizonte de conhecimento do leitor.

Gideon Toury propõe que as traduções sejam analisadas como factos da cultura de chegada, regulados por normas socioculturalmente definidas que determinam o grau de adequação ao texto-fonte e de aceitabilidade no sistema recetor. A prevalência de formas estrangeirizantes em *Puisi Lusiadi*, temperada por casos pontuais de domesticação, como gigantes → *raksasa*, indica a existência de normas operacionais que favorecem a adequação, sem perder de vista a legibilidade e a integração no sistema literário indonésio.

Por fim, Nida & Taber distinguem entre equivalência formal — que procura manter estrutura e conteúdo o mais próximos possível do texto-fonte — e equivalência dinâmica, orientada para produzir no leitor da cultura-alvo um efeito de receção semelhante ao do original. Na tradução dos termos mitológicos em *Puisi Lusiadi*, a transliteração de nomes como Venus, Neptunus ou Minerva corresponde a uma forte opção pela equivalência formal, enquanto o extenso sistema de notas explicativas trabalha no sentido de uma equivalência dinâmica, esclarecendo funções narrativas, atributos e contextos culturais para o leitor indonésio. Também o par gigantes → *raksasa*, na distinção de Nida & Taber, ilustra, além da domesticação, a equivalência dinâmica reforçada por uma escolha lexical mais próxima do imaginário local, sem abdicar do enquadramento clássico fornecido pelo paratexto.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem descritiva e qualitativa, centrada num *corpus* restrito de termos mitológicos extraídos de *Os Lusíadas* e das respetivas soluções na tradução indonésia *Puisi Lusiadi*. O *corpus* é constituído por termos mitológicos com correspondentes atestados no texto ou nas notas de *Puisi Lusiadi*, abrangendo deuses olímpicos (por exemplo, Vénus, Júpiter, Neptuno), divindades marinhas (Tétis, Proteu, Tritão), figuras infernais (Plutão, Fúrias, Harpias) e entidades associadas ao destino e à morte (Libitina, Ramnusia, Parcas). Esta seleção visa garantir um leque representativo de funções narrativas e simbólicas, bem como de diferentes graus de opacidade cultural para o leitor indonésio.

As fontes de dados principais são uma edição crítica de *Os Lusíadas* e a tradução indonésia *Puisi Lusiadi: Terjemahan Os Lusíadas dalam Bahasa Indonesia* (Camões 2022), incluindo o seu extenso aparato de notas. Para cada termo do *corpus* foram identificados: (i) a forma original em português e o respetivo contexto na epopeia; (ii) a forma usada em *Puisi Lusiadi* no corpo do texto e/ou nas notas; e (iii) as explicações paratextuais associadas, quando existentes.

A análise foi conduzida em três etapas. Em primeiro lugar, classificaram-se as soluções tradutórias segundo a tipologia de Venuti, distinguindo entre estrangeirização (manutenção de formas internacionalizadas como Venus, Jupiter, Neptunus, Bacchus, Minerva) e domesticação (por exemplo, gigantes → *raksasa*). Em segundo lugar, interpretaram-se estas escolhas à luz da viragem cultural de Bassnett e da teoria das normas de Toury, procurando determinar em que medida as estratégias adotadas privilegiam a adequação ao texto-fonte ou a melhoria da aceitabilidade na cultura indonésia. Em terceiro lugar, avaliou-se o papel das notas explicativas como mecanismo de articulação entre equivalência formal e a dinâmica, de acordo com Nida & Taber, com especial atenção ao tratamento da ambiguidade referencial de Tétis, cujo nome remete a duas figuras distintas do imaginário grego.

Esta metodologia permite descrever de forma rigorosa o padrão de decisões tradutórias em *Puisi Lusjadi* e relacioná-lo com as principais linhas teóricas dos Estudos da Tradução, fornecendo uma base sólida para a análise subsequente dos termos selecionados e do caso exemplar de Tétis.

Análise dos termos mitológicos

A Tabela 1 apresenta alguns termos mitológicos de *Os Lusíadas* e as respectivas formas utilizadas na tradução indonésia *Puisi Lusjadi*. Em quase todos os casos, observa-se a opção pela manutenção de formas dos nomes próprios em latim internacionalizadas ou clássicas, como Venus, Jupiter, Neptunus, Bacchus, Mars, Apollo, Minerva ou Juno, acompanhadas de notas explicativas que esclarecem genealogias, atributos e funções narrativas.

Os termos de maior opacidade cultural para o leitor indonésio, como Libitina, Ramnusia e Parcas, seguem o mesmo padrão: preserva-se o nome clássico e transfere-se para o paratexto a tarefa de reconstruir o enquadramento greco-romano e a relevância de cada figura na economia simbólica do poema. Assim, a tradução articula uma forte equivalência formal ao nível lexical com um trabalho de equivalência dinâmica assegurado pelas notas, em consonância com o modelo de Nida & Taber (1969:24).

A principal exceção a este esquema é o par gigantes → *raksasa*, em que se verifica uma domesticação controlada através de um termo já integrado no imaginário mitológico indonésio. Ainda assim, as notas mantêm o enquadramento clássico, explicando o papel específico dos gigantes na tradição greco-romana e em Camões, o que confirma a coexistência de normas de adequação e aceitabilidade tal como descritas por Toury.

Tabela 1: análise completa de termos mitológicos selecionados

Todas as formas em indonésio, com exceção de *raksasa*, correspondem a transliterações ou adaptações internacionalizadas usadas no volume:

Termo português	Função mitológica	Tradução para indonésio	Estratégia tradutória	Notas / Análise
Vénus	Deusa do amor	Venus	Estrangeirização	Mantida a forma latina, com nota explicativa
Júpiter	Rei dos deuses	Jupiter	Estrangeirização	Mantida a forma latina, com nota explicativa
Marte	Deus da guerra	Mars	Estrangeirização	Mantida a forma latina
Neptuno	Deus do mar	Neptunus	Estrangeirização	Mantida a forma latina
Baco	Deus do vinho	Bacchus	Estrangeirização	Mantida a forma latina e a identidade mítica, nota explicativa
Apolo	Deus do sol e da música	Apollo	Estrangeirização	Mantida a forma latina
Diana	Deusa da lua e da caça	Diana	Transferência direta	Mantida a forma portuguesa/latina
Juno	Rainha dos deuses	Juno	Estrangeirização	Mantida a forma portuguesa/latina
Nereidas	Ninfas do mar	<i>peri laut</i>	Domesticação	Substituição cultural para a figura local de espírito do mar
Os gigantes	Criaturas telúricas	<i>raksasa</i>	Substituição cultural	Uso de termo hindu-budista para facilitar identificação
Atlas	Um dos gigantes	Atlas	Estrangeirização	Mantida a forma portuguesa/latina

Termo português	Função mitológica	Tradução para indonésio	Estratégia tradutória	Notas / Análise
Orfeu	Músico/poeta grego	Orfeus	Retenção com nota	Forma alatinada com anotação explicativa
Minerva	Deusa da sabedoria	<i>Dewi Minerva</i>	Localização parcial	Mantida a forma portuguesa/latina com adição do honorífico em sânscrito <i>Dewi</i>
Hélio	Deus do sol	Helios	Estrangeirização	Reversão para a forma grega
Cupido	Deus do amor	Kupido	Domesticação	Forma grecizada do nome latino
As ninfas	Espíritos femininos	nimfa	Estrangeirização	
As fúrias (erinyas)	Espíritos vingativos	Furies	Substituição cultural	Explicação clara, termo acessível
As parcas	Fadas do destino	Parcas	Aproximação semântica	Manutenção da forma portuguesa
Morfeu	Deus dos sonhos	<i>Dewa Mimpi</i>	Localização parcial	Tradução funcional, com perda da espessura mítica
Os faunos	Espíritos da floresta	<i>Makhluk Hutan</i>	Generalização	Perda da especificidade híbrida humano/animal
As sereias	Criaturas marinhas malfazejas	Sirene	Domesticação	Fusão com a mitologia local de sereias
Plutão	Deus do submundo	Pluto	Estrangeirização	Mantida a forma latina
Lethes	Rio do esquecimento	<i>Sungai Lupa</i>	Tradução literal	Mantida a função narrativa
Narciso	Herói grego	Narcissus	Retenção	Mantida a forma latina
Éolo	Deus dos ventos	Aeolus	Estrangeirização	Mantida a forma latina
Zéfiro	vento do oeste	Zephyr		Forma derivada do latim Zephyrus
Os ciclopes	Gigantes de um só olho	<i>Raksasa Mata Satu</i>	Domesticação	Localização do termo
Hércules	Herói grego	Herkules	Adaptação padrão	Forma latina grecizada, familiar para o público indonésio
Perséfone	Rainha do submundo	<i>Dewi Dunia Bawah</i>	Tradução funcional	Tradução conceitual
Quimera	Criatura mitológica compósita	<i>Makhluk Campuran</i>	Tradução literal	Descrição funcional
Centauro	Centauro	Centaur	Estrangeirização	Forma derivada do português
Medusa	Uma das górgonas	Medusa	Retenção	Mantida a forma portuguesa/latina
As harpias	Criaturas malfazejas dos ares	Harpi	Estrangeirização	Forma sintética do nome
Tétis	Nereida, ninfa marinha	Thetis	Literal + nota	Mantida com nota explicativa
Tetis	Deusa do mar	Thetis	Seria mais correto Tethys	Perdida a diferença com Tétis, tal como em Camões
Ceres	Deusa da agricultura	Ceres		Mantida a forma portuguesa/latina
Libitina	Deusa da morte	Libitina		Mantida a forma portuguesa/latina
Ramnusia (Nemésis)		Ramnusia		Mantida a forma portuguesa/latina

Termo português	Função mitológica	Tradução para indonésio	Estratégia tradutória	Notas / Análise
Ícaro	Herói grego	Ikarus	Retenção	Forma grecizada do nome latino
Tritão	Divindade do mar	Triton	Retenção + nota	Forma alatinada, mantida com explicação contextual
Proteu	Divindade	Proteus	Estrangeirização	Mantida a forma latina
Aquiles	Herói grego	Akhilles		Forma grecizada
Ulisses	Herói grego	Ulises		Forma fonética em indonésio
Eneias	Herói troiano	Aeneas		Mantida a forma latina

O caso de Tétis/Tetis

Entre os termos analisados, Tétis destaca-se como caso paradigmático de ambiguidade em língua portuguesa, uma vez que nomes de diferente ortografia em grego, mas igual em português, designam na mitologia grega tanto uma Titânide primordial associada às águas genesiáticas, a rainha dos mares, quanto uma das mais recentes nereidas, a mãe de Aquiles, neta da precedente e princesa dos mares.

Em *Os Lusíadas*, é sobretudo esta última assume relevância no episódio central do Adamastor. No Canto X comparece a deusa-rainha avó dela, celebrando os esponsais com o navegador português Vasco da Gama, casamento místico que ilustra o matrimônio simbólico dos portugueses com o elemento marinho. Este casamento do rei ou governante com o mar encontra-se documentado em várias culturas, como os Sposalizio del Mare em Veneza, o rito dos esponsais entre o Doge e o mar (Brunetti 1936).

No tempo de Camões escrevia-se apenas Thetis, não se distinguindo graficamente o nome Thetis, que hoje se escreve Tétis (nereida) e Tethys, cuja forma em português contemporâneo é Tetis, sem acento e com ênfase no “i”. e que com Oceano gerou a oceânide Dóris, e esta última com Nereu gerou a nereida Tétis.

Na tradução indonésia ambas as referências surgem também sob a forma única Thetis tal como em *Os Lusíadas*, o que impede a resolução da ambiguidade ao nível puramente lexical. A distinção entre as duas figuras é, por isso, deslocada para o paratexto que fornece dados de genealogia e função simbólica: as notas identificam, em cada ocorrência, se se trata da nereida Tétis, a mãe de Aquiles, igualmente ligada ao mar, que comparece unicamente no episódio do gigante Adamastor no Canto V, ou da titânide Tetis, associada às águas primordiais e fluviais, presente em todas as outras invocações nos Cantos I, III, IV, VI, VIII, IX, X.

Este procedimento mostra que, quando a equivalência formal é inevitavelmente idêntica, a equivalência dinâmica só pode ser alcançada por via de uma intervenção explicativa intensiva, em linha com o modelo de Nida & Taber. Do ponto de vista de Venuti, a opção por Thetis reforça a estrangeirização, mas essa estranheza é equilibrada por uma forte mediação cultural nas notas, em consonância com a viragem cultural defendida por Bassnett.

Distância cultural, linguística e temporal

A tradução de *Os Lusíadas* para o indonésio confronta o tradutor com uma tripla distância: cultural e religiosa, linguística e temporal. Culturalmente, a mitologia greco-romana que estrutura grande parte do imaginário camoniano não faz parte do repertório dominante na Indonésia contemporânea, o que

significa que figuras como Vénus, Júpiter, Neptuno, Libitina ou as parcas não encontram esquemas conceptuais partilhados na cultura-alvo.

Do ponto de vista linguístico, a distância entre o português quinhentista e o indonésio moderno implica não apenas a tradução de léxico, mas a reinterpretação de estruturas sintáticas, de imagens poéticas e de alusões intertextuais, de modo a preservar, tanto quanto possível, o ritmo épico e a função estética do original. A opção sistemática pela transliteração de nomes próprios mitológicos — como Venus, Jupiter, Neptunus ou Minerva — assegura a equivalência formal, enquanto o vasto sistema de notas procura aproximar o efeito de receção do leitor indonésio daquele que o leitor português culto do século XVI teria, caminhando em direção à equivalência dinâmica.

Temporalmente, mais de quatro séculos e meio separam o contexto de produção de *Os Lusíadas* e o de receção de *Puisi Lusiadi*, o que torna necessária uma atualização interpretativa sistemática. Referências históricas, concepções teológicas, e visões do mundo que eram relativamente transparentes para o público instruído de Camões, exigem hoje um enquadramento histórico-cultural detalhado para o leitor do século XXI, papel cumprido pelo aparato paratextual de *Puisi Lusiadi* (Camões 2022:5), conjugando estrangeirização lexical com uma intensa mediação cultural (Venuti, 2008:189; Bassnett, 2014:98).

Discussão dos resultados

Os dados relativos aos termos mitológicos aqui apresentados confirmam uma estratégia tradutória coerente em *Puisi Lusiadi*, maioritariamente assente na estrangeirização lexical dos nomes próprios de deuses, deidades menores, espíritos, heróis culturais e criaturas fantásticas, em linha com a ética de tradução defendida por Venuti (2009:19). A manutenção de formas como Venus, Jupiter, Neptunus, Bacchus ou Minerva, complementada por um aparelho de mais de mil notas explicativas, mostra que a diferença cultural não é apagada, mas antes assumida e mediada através do paratexto, o que corresponde à *viragem cultural* descrita por Bassnett (2014:11).

O caso particular dos gigantes → *raksasa*, demonstra que esta opção estrangeirizante não deve excluir ajustes pontuais de domesticação, quando a inteligibilidade imediata do texto o exige, sem abdicar de um enquadramento greco-romano reconstruído nas notas, em consonância com a articulação entre adequação e aceitabilidade proposta por Toury (2012:61).

De modo semelhante, o tratamento de Tétis e Tetis, vertendo ambos os nomes sempre como Thetis tal como Camões optou, e distinguindo-as apenas através de um paratexto denso, evidencia que a equivalência formal por si só é insuficiente em contextos de ambiguidade onomástica, exigindo um investimento acrescido em equivalência dinâmica, segundo Nida & Taber (1969:24).

Não foi, aliás, Camões ou os renascentistas que procederam a esta assimilação onomástica, preservando a dissociação das funções respetivas entre as duas homónimas. No *Genealogia deorum gentilium*, manual da história sacra grega escrito no século XIV, Bocácio já remonta a fusão dos nomes Thetis e Tethys aos antigos romanos menos atentos às etimologias gregas, e que as distinguiam pelo epíteto 'maior' vs. 'menor': *La chiamarono ancho Theti maggiore per differenza di Theti madre d'Achille: la quale gli antichi uollero, che fosse nimpha, ma non grandibima dea.* (Boccaccio 1547:48r). Camões em várias instâncias dá mostras de conhecer bem esta obra originalmente escrita em latim e muito popular ao tempo, provavelmente pela tradução italiana de Giuseppe Betussi publicada em Veneza em 1547 (Boccaccio 1547), antes, portanto, do início da composição de *Os Lusíadas*.

Neste quadro, o esforço de tradução de *Os Lusíadas* para o indonésio ilustra que, perante uma profunda assimetria cultural, linguística e temporal, a oposição binária entre domesticação e

estrangeirização se revela insuficiente: o que se observa em *Puisi Lusiadi* é antes uma estratégia compósita, que conjuga transliteração sistemática, domesticações pontuais e um robusto aparato de notas, configurando a tradução como um ato de complexa negociação e mediação cultural.

Conclusão

A análise de termos mitológicos de *Os Lusíadas* e das respetivas soluções em *Puisi Lusiadi* permite concluir que esta tradução indonésia privilegiou claramente a estrangeirização dos nomes próprios, preservando a alteridade do texto-fonte e aproximando-se da ética de tradução proposta por Venuti e da perspectiva de Bassnett sobre a tradução como transferência cultural. Ao mesmo tempo, a presença de escolhas pontuais de domesticação, como gigantes → *raksasa*, e a gestão da ambiguidade de Tétis por via de um paratexto intensivo, demonstram que esta política é regulada por normas que procuram equilibrar adequação e aceitabilidade, tal como formulado por Toury.

Num contexto marcado por uma distância particularmente profunda entre o português quinhentista e o indonésio contemporâneo, o estudo mostra que a articulação entre equivalência formal e dinâmica não pode ser alcançada apenas no corpo do texto traduzido, exigindo um investimento sistemático no aparato paratextual, que passa a ser parte integrante da estratégia tradutória. A experiência de *Puisi Lusiadi* exemplifica, assim, como os princípios teóricos de Venuti, Bassnett, Toury e Nida & Taber podem ser operacionalizados na prática na tradução de uma epopeia mitologicamente densa para uma cultura distante, oferecendo contributos relevantes para o debate contemporâneo sobre tradução literária em contextos de profunda assimetria cultural.

Tabela 2: termos com notas de rodapé e análise detalhada

Termo	Nota de rodapé (indonésio)	Tradução da nota (português)	Função das notas na tradução
Bacchus	<i>Bacchus: dewa Anggur.</i>	Bacchus: deus do vinho.	Esclarece a função e a identidade mitológica para o público indonésio; reforça a familiaridade cultural.
Júpiter	<i>Jupiter: ayah dan penguasa para dewa. Dia, dan yang lainnya yang disebutkan di atas, menurut Camões.</i>	Júpiter: pai e governante dos deuses. Segundo Camões, é fruto da imaginação humana, usado para simbolizar virtudes humanas.	Explicita o caráter simbólico, ajudando a compreender o papel do deus no texto e a sua natureza mitológica.
Nereidas	<i>Thétis: salah satu Nereids, putri Nereus dan Doris, salah satu dewa terindah.</i>	Tétis: uma das Nereidas, filha de Nereu e Dóris, uma das ninfas mais belas.	Define relações familiares e características próprias para evitar confusão com a avó dela, a titânide Tethys/Tetis.
Hermes	<i>Merkurius: dewa Perdagangan. Utusan para dewa.</i>	Mercúrio: deus do comércio e mensageiro dos deuses.	Contextualiza o papel funcional dentro do panteão e da narrativa, facilitando a compreensão da função do personagem.
Minerva	<i>Minerva: dewi Kebijaksanaan.</i>	Minerva: deusa da sabedoria.	Define a função e atributos, reforçando a identidade mitológica para o leitor.
Titãs	<i>Mengacu pada raksasa yang mencoba mencapai Olympus, tetapi dikalahkan oleh Jupiter.</i>	Refere-se aos gigantes que tentaram alcançar o Olimpo, mas foram derrotados por Júpiter.	Esclarece o mito por trás destes seres colossais, ligando-o ao contexto narrativo e histórico da obra.
Tritão	<i>Triton: dewa laut, putra Neptunus dan Amphitrite.</i>	Tritão: deidade do mar, filho de Neptuno e Anfítrite.	Explicita a origem e papel dentro do sistema poético, essencial para a compreensão da personagem e da sua simbologia.

Referências

- Bassnett, Susan (2014) *Translation studies*, 4th ed., Abingdon & New York: Routledge.
- Boccaccio, Giovanni (1547) *Genealogia degli dei*; Vinegia: Del Pozzo.
- Brunetti, Mario (1936) *Sposalizio del Mare*, *Enciclopedia Treccani*.
- Camões, Luís de (2022) *Puisi Lusiadi: Terjemahan Os Lusíadas dalam Bahasa Indonesia*, trans. Danny Susanto, introd. Felipe de Saavedra, Jakarta: Yayasan Pustaka Obor Indonesia.
- Nida, Eugene Albert & Charles Russell Taber (1969) *The theory and practice of translation*, Leiden: Brill.
- Toury, Gideon (2012) *Descriptive translation studies and beyond*, 2nd ed., Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Venuti, Lawrence, ed., (2008) *The translation studies reader*, 2nd ed., London, United Kingdom: Routledge.
- Venuti, Lawrence (2009) *The translator's invisibility: A history of translation*, 2nd ed., London, United Kingdom: Routledge.